

Uma tarefa perigosa

— O filho de Tidonca morreu — Rachel Saint ouviu uma das mulheres waoranis dizer.

Rachel já estava esperando por más notícias, uma vez que a criança estava doente havia vários dias. Ela se levantou de forma pesarosa da escrivaninha e foi em busca de Tidonca.

Alguns tucanos grasnavam nos galhos das árvores altas de pau-ferro e macacos gritavam ao longe enquanto Rachel seguia pelo caminho que levava à cabana de Tidonca, que ficava a várias centenas de metros da clareira da aldeia principal. A essa altura, o sol da manhã já havia dispersado a maior parte da névoa refrescante que se levantara do rio durante a noite. A pouca neblina que restara difundia os escassos raios de luz que chegavam ao chão da floresta.

Logo, Rachel chegou a uma pequena clareira ao lado da trilha e encontrou Tidonca sentado em um tronco do lado de fora da pequena cabana de palha que ele chamava de lar. Estava afiando uma lança feita da palmeira chonta, removendo as farpas das pontas afiadas. Rachel ficou surpresa com a cena. Ela achava que Tidonca estava preparando um local de enterro para o filho morto. — O que você está fazendo, Tidonca? — ela perguntou.

Tidonca ergueu os olhos da lança amolada e respondeu de forma franca: — Meu filho morreu. Por que minha filha inútil deveria viver?

Um arrepio percorreu o corpo de Rachel de cima a baixo. Ela sabia que Tidonca estava falando sério. Os aucas muitas vezes matavam as filhas quando o filho do sexo masculino morria ou enterravam as crianças vivas juntas com os pais quando estes morriam. Rachel deu um passo para trás; sua mente começou a girar. Ela precisava fazer alguma coisa. Não podia ficar parada e deixar a criança inocente ser morta com golpes de lança. No entanto, o que ela poderia fazer? Era apenas uma mulher americana de meia-idade na densa floresta amazônica, cercada por uma tribo de pessoas com a reputação de serem assassinas implacáveis. No entanto, antes que percebesse, Rachel começou a se mover com pressa. Ela correu em direção a Tidonca, pegou a lança de suas mãos e voou para dentro da floresta. Essa fora uma ação desesperada, e Rachel esperava sentir, em suas costas, a picada do dardo venenoso

da zarabatana¹ de Tidonca. Mas, isso não aconteceu. Em vez disso, Tidonca gritou o nome de Rachel em waorani: — Nimu, dê a minha lança.

— Não, você não vai matar sua filha com isso — Rachel gritou por cima do ombro enquanto continuava correndo.

Rachel vagueou por trilhas emaranhadas por várias horas antes de decidir voltar para a cabana de palha com a lança. Quando chegou lá, encontrou Kimo, um dos outros homens da tribo, do lado de fora. Ela esperava que ele estivesse zangado com ela ou, pior, que pudesse usar a própria lança contra ela. Em vez disso, quando Kimo viu Rachel, um sorriso iluminou o seu rosto castanho-amarelado.

— Tidonca está muito zangado com você — relatou Kimo. — Mas eu disse a ele que você é minha amiga. Para matar você à lança, ele terá que me acertar com a lança primeiro.

Rachel mal sabia o que dizer. Pela primeira vez na vida, testemunhava um membro da tribo se levantar contra outro por causa do modo como as coisas eram feitas por gerações. Ela só podia esperar que o posicionamento corajoso de Kimo não o matasse.

Felizmente, Tidonca deu continuidade ao enterro e nenhum sangue foi derramado.

¹ A zarabatana é uma arma que consiste em um tubo de madeira (nos dias de hoje de metal ou plástico), pelo qual são soprados pequenos dardos, setas ou projéteis. A zarabatana é uma arma, não um brinquedo, que pode infligir danos graves ou até a morte. [N. da T.]

Na manhã seguinte, Rachel pegou a lança de Tidonca e seguiu pelo caminho até a cabana. Ela o encontrou mais uma vez sentado no tronco do lado de fora. Rachel caminhou em direção a ele com cautela, a lança estava deitada em suas mãos estendidas. Será que ele usaria a lança para matá-la? Afinal, Rachel o havia humilhado quando arrebatara a lança dele em primeiro lugar. Ele era um guerreiro waorani e ela, uma mulher estrangeira, tomara sua lança. Tidonca assentiu com relutância, pegou a lança e entrou na cabana. Rachel ficou lá por um momento. A crise passara.

Rachel deu um suspiro de alívio após o incidente. Uma vida inocente havia sido salva, e ela esperava que suas ações servissem como uma lição objetiva para os waoranis: a vida humana era algo sagrado para ser protegido, não uma coisa irracional e que poderia ser destruída com brutalidade. A própria Rachel conhecia por experiência pessoal os efeitos devastadores dos ataques brutais e da matança dos waoranis. Agora, com a ajuda de Deus, ela estava determinada a parar com a matança e mostrar aos membros da tribo que havia uma forma melhor de viver. Essa era uma tarefa traiçoeira na qual ela havia embarcado — tarefa que jamais poderia ter previsto quando era uma menina que crescia nos arredores da Filadélfia.